



A indústria cultural e suas vicissitudes: entre o conceito e a realidade

The Culture Industry and Its Vicissitudes:
between concept and reality

*Sílvio Camargo*¹

Abstract: In this article, I intend to discuss some aspects concerning the different researchers and reflections about the concept of cultural industry that I have studied in recent years. The central question is the thinking of Theodor W. Adorno with special attention to the current situation of his negative dialectics. My argumentation about the current situation of culture industry concept has three steps: the inseparability between rationality and domination as the basis of Adorno's social theory; some rearrangements in contemporary capitalism and its implications for a culture industry concept in the 21st century and; the placement of culture industry in the context of Brazilian Sociology. The central aim of this article, written as in the essay form, is to emphasize the current situation of Theodor Adorno's critical theory of society through specific arguments to the field of Sociology.

Keywords: culture industry; domination; subjectivity; reification; critical theory **A indústria cultural e suas vicissitudes: entre o conceito e a realidade**

Resumo: Eu busco neste artigo mostrar alguns aspectos relativos a diferentes pesquisas e reflexões que empreendi em anos recentes sobre o conceito de indústria cultural. A questão central é o pensamento de Theodor W. Adorno com especial atenção para a atualidade de sua dialética negativa. Minha intervenção acerca da atualidade do conceito de indústria cultural possui três passos argumentativos: o entrelaçamento entre racionalidade e dominação como a base de uma teoria da sociedade em Adorno; algumas mudanças no capitalismo contemporâneo e suas implicações para um conceito de indústria cultural no século XXI e; a posição da indústria cultural no contexto da Sociologia brasileira. O objetivo central do artigo, produzido na forma de ensaio, é enfatizar a atualidade da teoria crítica da sociedade de Theodor Adorno mediante argumentos específicos ao campo da Sociologia.

Palavras chave: indústria cultural; dominação; subjetividade; reificação; teoria crítica

O ensaio, em contrapartida, assume em seu próprio proceder o impulso anti-sistemático e, sem cerimônias, introduz “imediatamente” conceitos tais como os recebe e concebe (...).

Theodor W. Adorno (O Ensaio como Forma)

¹ É bacharel em Filosofia (UFRGS) e doutor em Sociologia (UNICAMP). E-mail: scccamargo@gmail.com

I - Intróito

O ensaio aqui apresentado busca sintetizar a exposição oral que fiz na mesa redonda “indústria cultural, violência institucional e reificação” na tarde de 14 de setembro de 2017 na cidade de Porto Alegre. O ensaio somente foi escrito após a realização do evento, com base no roteiro utilizado para a exposição das ideias aqui presentes. O autor agradece aos organizadores do *I Congresso Internacional Theodor W. Adorno* a oportunidade de expor seu pensamento em sua cidade de origem, onde começou a ler Adorno há mais de duas décadas. As três partes do ensaio correspondem aos diferentes momentos de minha produção intelectual em torno do tema “indústria cultural” e eventuais lacunas ou uma elaboração mais sistemática de ideias podem ser encontradas em outras publicações do pesquisador, conforme bibliografia ao final do ensaio.

II – O conceito de indústria cultural

Falar sobre indústria cultural significa discorrer sobre o conceito mais conhecido e um dos menos compreendidos da chamada Teoria Crítica da “Escola de Frankfurt”.² Chegamos a mais de setenta anos da primeira edição da obra em que o texto apareceu pela primeira vez. *A Dialética do Esclarecimento* (Adorno e Horkheimer, 1985) é uma das obras mais importantes do pensamento do século XX e até hoje causa controvérsias quanto ao seu lugar no campo do saber, se é uma filosofia da história, uma crítica da filosofia de história, ou uma forma de teoria social. Meu ponto de partida é explícito, isto é, como pensar a indústria cultural e a dialética do esclarecimento a partir do olhar da sociologia e da teoria social contemporânea, e quais problemas e reflexões traz o conceito de indústria cultural para debates mais próximos ao discurso sociológico. Não por acaso, entendo que a *Dialética do Esclarecimento* é dentre as outras possibilidades não apenas uma obra de teoria social, mas é um marco, quase que um divisor de águas, na história da teoria social contemporânea. Tal entendimento se deve ao fato de que este livro apresentou de uma forma original, pela primeira vez na história do

² O que entendo por “Teoria Crítica” está presente em diferentes de minhas publicações, em especial em (Camargo, 2017). Meu entendimento acerca da expressão “Escola de Frankfurt” se encontra em (Camargo, 2006 a).

pensamento contemporâneo, a hipótese sobre a inseparabilidade entre racionalidade e dominação, para além do seu sentido weberiano, se constituindo, assim, na mais impactante crítica da modernidade empreendida ao longo do século passado.

Entendo que a *Dialética do Esclarecimento* é antes de tudo a apresentação de uma teoria da dominação. E tal teoria é aquilo que se manifesta enquanto uma teoria da sociedade em Adorno. Tal tese não é assim tão original, já havia sido em parte anunciada por Axel Honneth (1991) em seu *The Critique of Power*. E me parece que é seguindo este caminho que podemos entender melhor o conceito de indústria cultural. No caso específico da Sociologia, e mais ainda da sociologia brasileira, o acesso ao pensamento de Theodor W. Adorno se reporta, quase sempre, à noção de indústria cultural. Ocorre que a compreensão deste conceito tem se dado, ao longo dos últimos quarenta anos aproximadamente, com uma parca compreensão do que está subjacente a tal tese, seja por desconhecimento deliberado, ou por oposição teórica e ideológica, tendo em vista, por exemplo, que o campo que aqui chamamos de sociologia da cultura está hegemonicamente constituído por outras posições teóricas e epistemológicas, por vezes quase religiosas, em que o pensamento é substituído pelo culto do autor, posição que daria inveja a Josef Stálin. Mas tratemos de amenidades. Muito embora, como disse certa vez Fredric Jameson (1997) “a questão da poesia após Auschwitz foi substituída pela de saber quem suportaria hoje ler Adorno e Horkheimer à beira da piscina”.

A pouca compreensão do alcance e da reflexão sobre a indústria cultural se deve em parte, e ao mesmo tempo, a que depois de Gabriel Cohn poucos na sociologia brasileira se dedicaram a uma leitura da obra de Adorno para além de alguns poucos textos mais acessíveis, tanto no que diz respeito às traduções, mas quanto ao próprio esforço em querer acompanhar seu pensamento. O texto “A indústria cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas” é um dos capítulos da *Dialética do Esclarecimento* em que o primeiro capítulo se chama “conceito de esclarecimento”. Também não é novidade o entendimento, com o qual compartilho, de que o texto sobre a indústria cultural só é plenamente compreensível na medida em que façamos um esforço para compreender o conceito de esclarecimento. Esta é a base teórica, filosófica e em parte epistemológica, para que compreendamos a indústria cultural, cujos

contornos também refletem um diagnóstico de época, o qual Adorno chamou de capitalismo tardio.

Para qualquer estudante de Filosofia ou Ciências Sociais que tenha lido o “conceito de esclarecimento” fica evidente que há ali, por um lado, um grande enigma, que é o de entender qual exatamente o sentido desta recorrência às aventuras de Ulisses para se chegar até a subjetividade do indivíduo burguês, mas por outro lado, fica evidente que a questão central é a articulação entre esclarecimento, razão e dominação. O conceito de esclarecimento, conforme entendo, é acima de tudo uma crítica da modernidade. E nesse sentido a interlocução nem sempre explícita do texto é a concepção kantiana da *Aufklärung* (Kant, [1783] 1985). Ao mesmo tempo, esta crítica está claramente situada no espectro da crítica da economia política marxiana, embora não se detenha apenas nela. A interpretação habermasiana da dialética do esclarecimento trouxe vantagens e prejuízos, e em ambos os aspectos, nos ajudam a compreender este capítulo que é a base para a compreensão do significado histórico da indústria cultural. Um dos aspectos positivos da leitura de Habermas está na ênfase sobre a importância do conceito de reificação de Lukács para a crítica da racionalidade de Adorno e Horkheimer, que o próprio Habermas enfatiza enquanto uma crítica da razão instrumental (Habermas, 1987 b), não obstante o desenvolvimento explícito desta noção estar de fato no livro de Horkheimer *Eclipse da Razão* de 1947 (Horkheimer, 1969). Habermas deixa explícita a influência de Lukács, mas por outro lado, sua crítica à crítica da razão instrumental tende a supervalorizar a influência nietzschiana sobre Adorno e Horkheimer, leitura esta que teve grande influência entre pensadores brasileiros.

A teoria da dominação adorniana, subjacente ao conceito de esclarecimento, está de fato enraizada não apenas na centralidade do princípio da troca, elemento que permeia toda a influência de Marx na obra adorniana,³ mas fundamentalmente no problema do fetichismo da mercadoria e no modo como tal problema foi desenvolvido em *História e Consciência de Classe* de Georg Lukács (1986). O conceito de reificação lukacsiano é amplamente compreendido como uma não dissociabilidade entre o fetichismo da mercadoria com a tese weberiana do processo de

³ Embora a *Dialética do Esclarecimento* seja de autoria de dois autores, nosso interesse é particularmente a obra de Theodor W. Adorno. As razões para isso ficam mais claras em (Camargo, 2006 a).

racionalização do capitalismo moderno, manifestando que a crítica da racionalidade moderna é devedora não apenas da tradição do idealismo alemão, ou mais claramente, da querela que envolve a passagem de Kant a Hegel, mas envolve um debate alicerçado igualmente nos pilares da teoria social, que é a crítica de Weber à modernização capitalista. De qualquer modo, o que se apresenta no conceito de esclarecimento é o problema da consciência, alavancando a reflexão sobre as formas de dominação social capitalista para uma compreensão mais ampla sobre o como que esta dominação se consolida no capitalismo tardio.

A dominação social para Adorno é também dominação de classe, e poucos pensadores contemporâneos expuseram com tamanha sagacidade os modos pelos quais a classe burguesa fez prevalecer o seu domínio na modernidade. Mas é também mais do que isso. A dominação é compreendida também com o recurso a outro conceito fundamental apresentado pelo Lukács de *História e Consciência de Classe* que é o de totalidade. Nesse caso, a dominação social para Adorno se evidencia naquela ideia enfática de que a dominação migrou para dentro dos indivíduos. Aqui, para além da reificação, o problema da racionalidade moderna busca recursos igualmente na metapsicologia freudiana, na medida em que o afã de dominação da natureza externa ao sujeito, tão evidente no desenvolvimento da lógica do capital, e cujo protótipo é Ulisses, encontra seu correlato na dominação da natureza interna dos indivíduos, cuja constituição subjetiva passa a ancorar igualmente uma repressão de sua natureza interna, visto que seu Eu abdica de seus impulsos originários para se adequar ao princípio da lógica da identidade. E é também nesse momento, conforme Adorno e Horkheimer, que inclusive a lógica formal passa a se mostrar como sustentáculo da ideologia burguesa.

Enquanto que o conceito de esclarecimento expressa uma original compreensão da dominação social engendrada pela modernidade, a expressão histórica dela será visualizada mediante um dos pontos basilares da teoria crítica da sociedade, o empreendimento de um diagnóstico de época. Para Adorno e Horkheimer, em alguma medida sob a influência de Pollock, a etapa do capitalismo referente às primeiras décadas do sec. XX era o que Adorno chamou de capitalismo tardio, e neste, há uma nova reconfiguração da relação entre forças produtivas e relações de produção, com modificações relativas ao papel da ciência e do

Estado, mas também, o que era igualmente singular naquele momento: modificações quanto ao campo da cultura. Desde os anos 1930 estava colocada como preocupação fundamental dos autores de Frankfurt, quando da fundação do *Instituto de Pesquisa Social*, e antes mesmo do texto paradigmático de Horkheimer (1937 [1983]) a tentativa de compreensão do porquê as massas, ou o proletariado, descarrilhou da trilha da revolução socialista e de uma sociedade livre para em larga medida aderir a uma proeminência da autoridade, mais tarde metamorfoseada em autoritarismo. Um dos elementos que vieram a ser determinantes daquele tempo histórico em que se colocava uma problemática relativa à consciência dos indivíduos era justamente o advento da indústria cultural.

Em um momento histórico de grande expressividade do fordismo nas linhas de produção e nos mecanismos de acumulação do capital, bens culturais passaram a ser produzidos em série e com ares de completa semelhança, evidenciando um alcance antes inigualável do fetichismo da mercadoria, para além do próprio conceito lukacsiano de reificação. Os bens culturais clássicos da indústria cultural passaram a ser identificados naqueles ramos da indústria cultural que expressavam justamente o desenvolvimento das forças produtivas e da técnica, tão bem analisadas por Walter Benjamin, isto é, o da produção de sons e imagens, notadamente a eclosão espetacular do rádio, do cinema, e da televisão. Em tais ramos de produção cultural os mecanismos de produção, mas também de circulação dos bens, para além de se constituírem como ramo produtivo que tem o lucro como única finalidade, se apresentava também outros elementos de grande complexidade histórica e teórica, como a reinvenção e reprodução da ideologia burguesa, mas igualmente questões de natureza estética, em outras palavras, o encurralamento da obra de arte autônoma herdada do alto modernismo, desde então colocada em risco para dizer o mínimo, o que nos faz retornar ao problema central para Adorno: a relação entre dominação social e consciência dos indivíduos.

A indústria cultural como mistificação das massas desde então adentrou no cenário do mundo contemporâneo, e longe de ser especulação ou metafísica, teve sua existência empiricamente evidenciada durante mais de meio século, afinal, a maioria dos sociólogos sempre reivindicam o peso da “prova empírica” como critério de legitimação deste campo do saber, não obstante Theodor Adorno ter deixado explícito em muitos dos

seus textos sobre teoria da sociedade, como aqueles da “controvérsia do positivismo na sociologia alemã” (Adorno, 1973) que a pesquisa empírica está longe de ser o critério exclusivo com que a verdade é buscada em uma teoria dialética da sociedade. No campo dos estudos sobre cultura e sociologia da cultura, ainda vale lembrar, a Teoria Tradicional se mostrou como vencedora ao longo desses últimos setenta anos desde a publicação da *Dialética do Esclarecimento*. Desde os tempos de Adorno e Horkheimer, até hoje, a tradição dialética viu crescer no seu entorno, ou do outro lado da trincheira, formas de compreensão da esfera cultural que Adorno não hesitaria em chamar de positivistas, e, portanto, expressões de uma dominação social, que cabe lembrar novamente, jamais deixou de ser também dominação de classe.

Não podemos esquecer que a obra *Dialética do Esclarecimento*, onde se apresenta pela primeira vez com clareza o conceito de indústria cultural, foi escrita a quatro mãos, no arcabouço de uma trajetória de dois pensadores que, não obstante suas grandes afinidades, possuem trajetórias intelectuais bem distintas. No caso de Adorno, a dialética do esclarecimento é um dos momentos de um percurso de pensamento iniciado em meados dos anos 1930, onde a expressão “dialética” é sem a menor dúvida o epicentro de toda a sua produção intelectual anterior e posterior ao livro de 1944. Desde o início de sua trajetória Adorno se apropriou da herança de Hegel, Marx e Lukács, porém sinalizando, em parte devido à sua proximidade com o campo musical, para uma marca própria de pensamento, que de certo modo o contrapõe àqueles: para Adorno, não somente a história está destituída de um sentido tal como uma síntese, mas igualmente o conhecimento e a teoria requerem permanentemente a postulação do *não idêntico* como um momento decisivo de apreensão da dominação social, sobretudo onde ela ainda não é percebida.

No caso da indústria cultural esta percepção sempre foi bastante evidente. A indústria cultural, tal como os mecanismos fordistas de produção, atribui a tudo um “ar de semelhança” levando ao auge da concretude cotidiana o princípio da identidade. E mais uma vez o problema se remete ao velho Lukács, na verdade o bom e jovem Lukács, pois se do ponto de vista da tradição filosófica da modernidade o problema pode ser colocado como a relação entre o universal e o particular, do ponto de vista da teoria social, que como diria Marcuse é a única forma de

realizar plenamente uma Teoria Crítica (Marcuse, 1978), o problema está na necessidade de se ter em vista as contradições e complexidade do conceito de totalidade. É assim que no charmoso e discreto sorriso de algum herói ou princesinha das telas de cinema, ou da vida, se apreende a insistência do idêntico, que reflete um mundo, ou uma sociedade, em que o indivíduo foi roubado em sua potencialidade de autonomia, e não obstante a atualidade da *Aufklärung* kantiana, um mundo falso, no qual, como dirá Adorno *o todo é o não verdadeiro*.

III – As mutações do capitalismo contemporâneo

Se o conceito de indústria cultural dizia respeito, em sua origem, também a um diagnóstico de época, à tentativa de compreensão de um determinado momento da história do modo de produção capitalista, o conceito precisa ser pensado em sua relação com a história do século XX e aí as coisas se tornam complexas. Após a morte de Adorno, em 1969, inúmeras transformações se processaram no capitalismo e no cenário cultural contemporâneo. Tais mudanças trouxeram elementos para pensarmos a atualidade do conceito de indústria cultural a partir dos próprios referenciais da Teoria Crítica, isto é, não como uma oposição externa à ideia de indústria cultural, algo desde sempre empreendido pela Teoria Tradicional, e desde Habermas no âmbito da própria Teoria Crítica, mas a partir da própria tradição dialética, em uma versão da noção igualmente importante para Adorno e para a tradição marxiana de crítica imanente.

Aqui adentramos já de uma forma mais controversa no terreno da interpretação, visto que tais mudanças históricas se colocam como um conjunto de hipóteses, que como diria Jeffrey Alexander (1987) acerca da sociologia como campo do saber, cabe concordar com elas ou não, visto nela não se aplicar a propalada noção de paradigma. Qualquer estudante ou pesquisador em Ciências Humanas sabe hoje das inúmeras designações que emergiram ao longo dos últimos quarenta anos para tentar compreender o que se processou no mundo global desde o final dos anos 1960 e meados dos anos 1970. Sociedade pós-industrial, sociedade de consumo, sociedade em rede, sociedade hipermoderna, sociedade da informação, sociedade pós-moderna, modernidade líquida, modernidade reflexiva, modernidade tardia, globalização, e as designações são tantas

que nossos alunos de Ciências Sociais certamente terão dificuldade em acompanhar este repertório de diagnósticos de tempo que por vezes parece inesgotável. Se o que está em questão aqui é a indústria cultural, certamente teremos que pensar por alguns momentos no termo “indústria”, mas, por outro lado, como tentei sugerir acima, o problema só é claramente colocado, no âmbito da *Dialética do Esclarecimento*, se levamos em conta que o que está subjacente ao debate, em um sentido metateórico, é a questão da dominação tal como apresentada no conceito de esclarecimento.

Desse modo, no âmbito dos debates contemporâneos sobre as transformações em curso no mundo, houve um debate, hoje considerado amplamente superado e já esquecido, que tomou lugar no pensamento Ocidental entre o final dos anos 1970 e final dos anos 1980, que foi a disputa interminável entre modernos e pós-modernos, que se foi superada ou não, ainda tem bastante a informar sobre o nosso tema. Curiosamente, mais uma vez, subiu ao púlpito o mais popular representante da Teoria Crítica desde os meados dos anos 1970, o conhecido defensor da modernidade, Jürgen Habermas. Habermas polemizou com Michel Foucault, inicialmente agrupado entre os famigerados pós-modernos, mas também com Lyotard, este sim, como Foucault, herdeiro do pós-estruturalismo francês, mas no caso de Lyotard, assumidamente coveiro das metanarrativas da modernidade, dentre as quais as de Marx e Freud. O que nos interessa deste debate hoje para pensarmos o problema da indústria cultural é principalmente o antigo problema da *Aufklärung*, ou para sermos mais claros, o problema da racionalidade moderna, justamente o conceito disjuntivo daquele de dominação para Adorno. Oportuno é lembrar que tal racionalidade para Adorno, em um sentido por vezes misteriosamente esquecido quanto à sua postulação anteriormente feita por Max Weber, está atrelado às relações sociais de produção capitalista, e tais, para a Teoria Crítica, só se desvelam através do esforço de diagnóstico do presente.

No campo estritamente sociológico foi Daniel Bell (1973 [1999]), um nem tão jovem conservador, quem deu um primeiro empurrão para a percepção de que algo estava se transformando na sociedade contemporânea quanto à dimensão da sociedade industrial. Seus estudos em meados dos anos 1970, e embasados em pesquisas empíricas qualitativas e quantitativas realizadas durante os anos 1960 nos Estados Unidos, indicavam que a

produção da riqueza capitalista estava rapidamente se deslocando da atividade do operário fabril para outros setores de atividade laboral, em especial o setor de serviços, mas tendo como substrato fundamental a tese por ele desenvolvida de que o conhecimento se tornou o elemento central da economia e dos processos de sociabilidade contemporâneos, pondo fim aos elementos básicos que caracterizaram a envelhecida sociedade industrial. Aqui, é desnecessário nos prolongarmos sobre a muito bem conhecida influência de Bell sobre Lyotard e Jean Baudrillard, dois dos mais conhecidos autores das teorias do pós-moderno.

No contexto daquele debate o termo pós-moderno não passou assim tão despercebido pelo campo da Teoria Crítica. Ao contrário de Habermas, cujo sangue subia à cabeça só de escutar o termo, o crítico literário e cultural norte-americano Fredric Jameson se apropriou dele, e justamente para reivindicar a atualidade de Theodor Adorno, e do próprio conceito de indústria cultural neste novo cenário econômico e cultural posterior aos anos 1970. Para Jameson o problema da pós-modernidade não se colocava apenas como uma questão relativa ao pós-modernismo estético, a uma questão de estilo ou de meras transformações na esfera da arte, mas as transformações culturais visualizáveis a partir dos anos 1970 eram expressão de mutações do próprio modo de produção capitalista, que em seu entendimento adentrou em um novo estágio histórico quanto aos processos de acumulação do capital que ele nomeará como capitalismo tardio (Jameson, 1997). Deste modo, a expressão capitalismo tardio para Jameson se refere ao período histórico iniciado por volta do início dos anos 1970 e com características muito específicas, fazendo com que o uso do conceito capitalismo tardio seja por ele empregado de uma forma muito distinta daquela de Adorno e Habermas (Camargo, 2006 a). No período mapeado por Jameson ele identifica mudanças na esfera cultural, que em seu entendimento representam o fim da distinção entre alta cultura e cultura de massas. Ao invés de uma crítica da modernidade de inspiração nietzschiana, tal como a dos pós-estruturalistas franceses, nenhuma forma de irracionalismo ronda a análise de Jameson, na medida em que o pós-moderno é visto como uma nova etapa histórica do capitalismo, onde a indústria cultural passou a manifestar, ao mesmo tempo, sua atualidade e seu esgotamento. Economia e cultura passaram a não mais serem distinguíveis, de tal modo que os conceitos de reificação e totalidade, tão centrais para Adorno, se tornaram as categorias mais apropriadas para a compreensão do presente. A cultura do pós-

moderno assentada especialmente no poder da imagem é a exacerbação do fetichismo da mercadoria. É deste modo que Jameson nos fornece elementos para pensarmos que a frase adorniana de que “a indústria cultural é o prolongamento do trabalho na fábrica” precise ser problematizada, visto que, podemos pensar o contrário: que o tempo na fábrica, ou o tempo de trabalho, é igualmente expressão do que se passa no tempo livre, tornando a distinção entre ambos, quanto ao próprio regime de acumulação, em algo de grande dificuldade.

Se o pós-moderno é correlato ao pós-fordismo, então o próprio conceito de “indústria” cultural precisa ser repensado. Algumas pistas sobre o como pensar o problema foram apontadas por um conjunto de autores que podemos chamar de herdeiros do operaísmo italiano, associados durante os anos 1990 à revista *Multitudes* (Camargo, 2009). E a matriz de leitura é muito distinta tanto de Bell como de Jameson. Antonio Negri, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato, Yan Moulrier-Boutang, e vários outros pensadores, identificaram o início dos anos 1970 como ponto de partida de mudanças no capitalismo em que o conhecimento e o saber passaram a ser elementos centrais de produção da riqueza capitalista, colocando em xeque, conforme eles, a própria teoria do valor trabalho de Marx, isto é, o secular entendimento de que é o tempo de trabalho o núcleo de produção do valor e da riqueza capitalista. A partir dos *Grundrisse* de Marx (1989), em especial quanto ao famoso trecho sobre o *Fragmento das Máquinas*, tais autores recorreram ao conceito marxiano de *general intellect* para descortinarem uma nova etapa do capitalismo em que se processaram grandes transformações quanto à subjetividade, colocando como consequência a necessidade de repensarmos a relação entre produção e consumo, na medida em que o saber dos indivíduos, mesmo aquele processado no cotidiano, como a criatividade, a expressividade, a imaginação, os afetos, etc., passaram a ser elementos centrais de valorização do capital, problematizando a tese central marxiana acerca do tempo de trabalho, ou do trabalho abstrato, como o elemento central de produção da riqueza.

O que haveria em comum entre Jameson e os pensadores de *Multitudes*? Entendo que é o diagnóstico de que economia e cultura, ou, tempo de trabalho e tempo livre, se tornaram dificilmente distinguíveis, e isso traz consequências significativas para pensarmos o conceito de indústria cultural. E a questão que se coloca, mais uma vez, é como pensar a atualidade da crítica adorniana frente a um contexto histórico diferente daquele

experimentado pelo pensador frankfurtiano. A partir dos anos 2000 a cultura contemporânea⁴ tem vivenciado mudanças e inovações que superam até mesmo aquelas inicialmente detectadas por Fredric Jameson no início dos anos 1990. Os adventos da internet, das redes e de novas formas de produção de imagens e sonoridades, passaram a representar algo totalmente distinto do que significaram, por exemplo, o rádio e a televisão nos anos 1940. A problematização da indústria cultural passa a ser uma reflexão sobre a emergência de uma nova forma de subjetividade, mesmo que esta recorra sempre, como quer Adorno, para a evidência da primazia do objeto e da objetividade histórica (Adorno, 1984). Se, por um lado, os indivíduos da contemporaneidade passaram a ser, como multidão, produtores de sons, imagens e subjetividades que se propagam na rede e retiram da produção cultural o seu caráter específico de uma “indústria”, por outro lado, aquilo que é produzido tem mantido as mesmas características da velha indústria cultural no que diz respeito aos contornos estéticos de seus artefatos, ou em outras palavras, o que se propaga pelo Facebook e pelas redes continua a sustentar os mesmos caracteres de reificação tal como apontados por Lukács e Adorno. Aquilo que Adorno e Horkheimer se referiram como sendo o “ar de semelhança” que caracteriza os produtos da indústria cultural, nos parecem bastante visíveis no presente, mesmo que eventualmente sob as máscaras da diferença e da diversidade. A atualidade do conceito de indústria cultural só pode estar em seu impulso crítico, mas ainda no sentido da dialética, a partir do qual podemos, como faz Adorno em *Minima Moralia* (2008), nas singularidades perceber, enquanto uma abstração, o todo, que continua a ser um prolongamento da articulação entre racionalidade e capitalismo, ou em outros termos, entre modernidade e dominação, como dissemos antes, um todo que por isso é não verdadeiro.

IV – A indústria cultural nos Trópicos

É árduo ser sociólogo, ou professor de sociologia no Brasil, sem necessariamente falar do Brasil. Além disso, em nosso país a Teoria Tradicional plantou raízes profundas dentro e fora das Ciências Sociais. E, não obstante, todas as contribuições atuais sobre as questões decoloniais

⁴ Dada a complexidade da expressão “cultura”, uma das mais polêmicas na história das Ciências Sociais, remetemos o leitor para (Camargo, 2010 b).

ou as epistemologias do Sul, como exemplos, fazer teoria social nos trópicos tem por vezes um caráter quixotesco. Mas, nosso assunto é Adorno, então a pergunta que agora se coloca é o como pensarmos a indústria cultural no Brasil, que é em parte pensar também sobre a própria Teoria Crítica e a herança adorniana entre nós. E para fazermos isso precisamos levar em consideração que as transformações globais do capitalismo e da indústria cultural ao longo dos últimos quarenta anos também aqui se expressam, nos fazendo pensar, de modo concomitante, tanto sobre a indústria cultural no Brasil, como sobre o papel de Theodor W. Adorno na sociologia brasileira.

Adorno começou a ser lido e conhecido na sociologia brasileira entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 (Camargo, 2016). Até então, Walter Benjamin e Herbert Marcuse eram mais conhecidos do que ele, mesmo que pouco, e um dos primeiros textos de Adorno traduzidos aqui no Brasil foi justamente o texto sobre a indústria cultural. Embora José Guilherme Merquior tenha publicado um importante e repleto de equívocos livro sobre a “Escola de Frankfurt” no final dos anos 1960 (Camargo, 2014) foi através das iniciativas de Gabriel Cohn que Adorno passou a ser, aos poucos, conhecido entre os cientistas sociais do país. Se, por um lado, naquele período Roberto Schwarz já era um bom conhecedor de Adorno, foi Cohn quem levou o pensador frankfurtiano para o terreno das práticas de pesquisa em sociologia, especialmente no Departamento de Sociologia da USP. Durante a década de 1970 diferentes pesquisas sobre a indústria cultural foram realizadas no país, embora de uma forma bastante marginal em relação ao conjunto da pesquisa sociológica. Uma das razões é que Adorno jamais foi, de fato, um sociólogo, e isso fica evidente mesmo em seus textos sobre temas sociológicos produzidos entre as décadas de 1950 e 1960, anteriores à redação da *Dialética Negativa* e da *Teoria Estética*.

Uma das boas análises sobre a relação entre teoria e processo histórico está no livro de Renato Ortiz *A Moderna Tradição Brasileira* (1988). Ali percebemos, com argumentos bem documentados, que um certo ímpeto para o estudo da indústria cultural no Brasil era concomitante ao próprio amadurecimento da indústria cultural no país, visto que, diferente dos países europeus e especialmente dos Estados Unidos, aqui no Brasil a produção musical, audiovisual e mesmo publicitária, só começa a se organizar, em um espelhamento fordista de

produção cultural, precisamente neste período histórico em que os autores da Teoria Crítica começavam a ser traduzidos e conhecidos em língua portuguesa. A década de 1970 foi em meu entendimento a grande eclosão da indústria cultural brasileira, mas o interesse por ela teve vida muito curta, na medida em que outras transformações se processavam no país naquela década, em especial ao final dela, com o advento do processo de democratização e abertura política, período em que não por acaso o teórico frankfurtiano que passou a ser efetivamente lido por parte da sociologia brasileira, mas também pelos filósofos, foi Jürgen Habermas e não Theodor Adorno.

Se a obra de Adorno foi, entre os anos 1970 e 1990, absorvida por intelectuais e pesquisadores no campo da Crítica Literária, da Filosofia e da Educação, a sua penetração no campo específico da Sociologia foi, desde então até o presente, bastante marginal. E daí voltamos a uma afirmação feita no início desta intervenção. O curioso é que quando se fala de Adorno nas Ciências Sociais imediatamente o que vem à cabeça dos partícipes do campo é precisamente o conceito de indústria cultural. Mas, contraditoriamente, tanto os estudiosos da comunicação como os da sociologia da cultura veem hoje, ou quase desde sempre, o conceito de indústria cultural como algo bastante antiquado e há muito superado, sobretudo para aqueles para quem a internet se tornou a mola propulsora das grandes transformações da sociedade. Ademais, o fato é que apesar de alguns estudos existentes sobre indústria cultural desde os meados dos anos 1970, tais trabalhos jamais foram expressivos o suficiente para se consolidarem no campo sociológico.

É preciso que se correlacione também o destino do conceito de indústria cultural no Brasil com a própria trajetória da Teoria Crítica em nosso contexto. Se nos anos 1990 o pensamento de Habermas, com sua pouca afinidade com a ideia de indústria cultural, se tornou crescente entre parte dos cientistas sociais brasileiros, este mesmo movimento se estendeu com Axel Honneth a partir dos anos 2000. A teoria do reconhecimento, ao situar a centralidade do debate na problemática da justiça, se colocou em um terreno discursivo bastante distante daquele da teoria da dominação adorniana. A luta por reconhecimento, como a formação mais recente de uma Teoria Crítica engendrada a partir do interior do próprio *Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt* relega a um status de não relevância, conforme entendo, o antigo debate sobre indústria cultural. Aqui

destacamos que a obra de Honneth nos faz pensar sobre a diferença entre exploração, dominação e injustiça. Aparentemente, apesar do seu importante livro sobre a reificação (2008) Axel Honneth, que como Habermas deslocou as origens da teoria crítica para o âmbito da intersubjetividade, já não mais se ocupa diretamente com as questões da consciência, tal como essa derivou da tradição dialética.

É preciso, insistamos, fazer um duplo movimento de reflexão: sobre o destino do conceito de indústria cultural no Brasil, e ao mesmo tempo do papel da teoria social adorniana entre nossos intelectuais, em especial os sociólogos. No que diz respeito à indústria cultural constatamos que após o importante texto de Ortiz (1988) sobre a indústria cultural anterior aos anos 1980, pouquíssimos estudos foram realizados sobre ela em seu desenvolvimento histórico posterior aos anos 1990 até o presente, tendo em vista, inclusive, o pouco interesse por seu próprio conceito. Quanto a tal conceito, entendo que precisamos considerar que mudanças quanto à relação entre economia e cultura, produtor e consumidor, aqui no Brasil também se processaram e estão em pleno curso. Alguns pesquisadores europeus, como o britânico Scott Lash, se preocuparam mais com isso do que os próprios sociólogos brasileiros (Lash and Lury, 2007; Hesmondhalg, 2007). Desde meados dos anos 1990 mudanças têm ocorrido na produção cultural nacional e em sua relação com a produção cultural mundial, fazendo com que também aqui o modelo clássico da indústria cultural, aquele exemplificado por Adorno e Horkheimer com ênfase ao cinema, o rádio e a televisão, precise ser repensado à luz de um novo contexto, em que a produção de imagens e sonoridades está se dando de uma outra maneira, onde o próprio conceito de trabalho imaterial, tão importante para Negri (Lazzarato e Negri, 2001), por exemplo, necessite ser mobilizado como ferramenta teórica de compreensão do presente

Se, por um lado, os autores de *Multitudes*, mediante a influência do pós-estruturalismo francês trazem à tona o problema da configuração de uma nova subjetividade no contexto do capitalismo cognitivo (Moulier-Boutang, 2007), para a Teoria Crítica, em acepção adorniana, a subjetividade se refere à relação entre sujeito e objeto, ou em termos materialistas, à objetividade do processo histórico. E o que encontramos em tal processo histórico, nas décadas recentes e aqui mesmo em nosso capitalismo periférico, é uma configuração dos aspectos culturais da sociedade em que os padrões da relação entre produção e consumo,

portanto quanto à consciência dos consumidores, ou dos indivíduos, tem se apresentado de um modo distinto das décadas anteriores. As formas de consciência que permeiam as redes, já presentes nas diversas camadas da sociedade, conseguem mesclar os atributos do velho conceito de reificação com uma pseudoatividade que consiste na formatação final da própria mercadoria a ser consumida na esfera cultural.

Em meu entendimento, a partir de meados dos anos 1990, aliás, um momento que coincide com a grande influência de Habermas nas Ciências Humanas do país, incluindo a sua interpretação de Adorno, algumas modificações são visualizáveis no cenário cultural brasileiro com consequências para o conceito de indústria cultural. Em primeiro lugar, houve uma modificação nas formas de financiamento público da produção cinematográfica e depois audiovisual de uma forma mais ampla, resultando disso, por exemplo, o então badalado “cinema da retomada”; em segundo lugar, a partir de 1995, e mais concretamente no início dos anos 2000, o crescimento vertiginoso da internet, implicando no advento de novas formas de produção e propagação de sons e imagens, mas igualmente de um novo tipo de relação entre produtor e consumidor cultural; e em terceiro lugar, o crescimento de formas de produção chamadas “periféricas”, gestadas principalmente nos grandes centros urbanos, com repercussão na literatura, música e cinema. Entre outras modificações, estas nos parecem dar sinais de que a indústria cultural brasileira dos anos 2000 tem traços diferenciáveis daquela dos anos 1970 em aspectos qualitativos, que problematizam, teórica e empiricamente, o próprio conceito de indústria cultural. Apesar disso, dados têm mostrado que a televisão aberta no Brasil continua a ser até o presente a principal forma de entretenimento das massas (Bolaño e Brittos: 2007), não obstante estas tenham passado a serem as produtoras do que elas próprias consomem, visto que, deste o roteiro de telenovelas até os incontáveis *reality-shows* têm sido as “massas” que decidem sobre o formato da mercadoria que elas irão consumir, e aqui, mais uma vez, nos espanta a crença de que nossas formas de produção continuem sendo essencialmente fordistas.

Se os estudos sobre indústria cultural jamais fizeram grande sucesso aqui nos trópicos isso tem a ver, em parte, com a própria recepção de Theodor Adorno no Brasil. Em primeiro lugar Adorno é um pensador marxiano, mas de um viés marxiano que jamais teve grande sucesso por aqui, fato bem apontado por Roberto Schwarz em seu ensaio *Um*

Seminário sobre Marx (1998). Afora o fato de que a história da sociologia brasileira se caracterize, sobretudo, por influências francesas, e principalmente norte-americanas, também cabe outra vez lembrar que a leitura dos textos sobre indústria cultural de Adorno e Horkheimer são insuficientes para compreendermos a teoria da sociedade adorniana, que se refere a uma teoria da dominação que em parte está expressa, em seus contornos teóricos, no próprio conceito de esclarecimento, mas também em sua *Dialética Negativa*. A *Dialética do Esclarecimento* é também um momento de um percurso intelectual que podemos nomear como o da trajetória histórica da dialética negativa, que se constituiu a partir de um entendimento acerca da primazia do objeto (Adorno, 1984) no sentido de que a dialética negativa vai ao encontro da ideia original de Teoria Crítica, na medida em que a dimensão normativa da teoria se encontra dentro da própria noção de crítica, que enquanto tal, por ser imanente, não consegue ver-se fora do próprio processo histórico. E a Teoria Crítica, desde seu momento originário (Horkheimer, 1937 [1983]), cedo reivindicou a necessidade de que a crítica busque de modo insistente a realização de diagnósticos de época.

Para o campo específico da sociologia, e a maneira como ela pode contribuir para a Teoria Crítica, tal diagnóstico é um dos grandes e difíceis desafios do presente. Em sua *Introdução à Sociologia* Adorno (2007) diz que uma teoria dialética da sociedade deveria se ater principalmente na tentativa de apreensão da “experiência social” (Adorno: 2007:142), de tal modo que a sociedade possa ser vista, através da crítica imanente, em sua *fisiognomia*. Mas, lembremos que a experiência para Adorno mantém estreita relação com a noção do não idêntico, e este com a categoria de totalidade. Assim sendo, a dominação social moderna e capitalista pode ser compreendida também através de uma recolocação no presente do conceito de indústria cultural e sua indissociabilidade de uma reificação que não deixou de existir, mas que deve ser procurada não apenas nas macroestruturas do Estado ou da sociedade capitalista, mas a dominação social, incluindo a burguesa, está exposta tanto pelas inocentes fotos do Facebook quanto pela incivilidade, pragmatismo e indiferença com que os seres humanos, em seu cotidiano, incluindo aquele do campo acadêmico e intelectual, se veem uns aos outros.

Entendo que a atualidade da crítica adorniana, no que diz respeito à uma teoria da sociedade, passa pela atenção que devemos despende ao

conceito de *experiência*, esparso por diferentes momentos de sua obra (Camargo, 2010) e de *não idêntico*, igualmente presente ao longo de inúmeras obras de Adorno e claramente problematizado na *Dialética Negativa*. Aqui não nos furtamos de sugerir aproximações possíveis entre tais conceitos adornianos com o conceito de *diferença* presente no pós-estruturalismo francês (Camargo, 2017). Ao mesmo tempo, os conceitos de reificação e indústria cultural precisam ser repensados à luz do próprio curso histórico. Se nos mantemos na tradição da dialética, a questão da capacidade de autonomia do sujeito frente a um mundo coisificado continua presente na atualidade como antes, mas com novos elementos históricos, e a indústria cultural permanece a existir quanto ao seu fundamento básico, o fetichismo da mercadoria, mas que assume hoje uma nova roupagem, pois a maior parte do que circula na “rede”, o protótipo da contemporaneidade, continua a evidenciar a moderna relação entre racionalidade e dominação.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Madrid: Taurus: 1984.
- _____. *Tres Estudios sobre Hegel*. Madrid: Taurus: 1981.
- _____. *La Disputa del Positivismo en La Sociología Alemana*. México: Grijalbo: 1973.
- _____. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ed. Unesp: 2007.
- _____. *Minima Moralia*. Rio de Janeiro: Azougue: 2008.
- _____. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar: 1985.
- ALEXANDER, Jeffrey. O Novo Movimento Teórico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 4, vol. 2.1987. pp. 5-28.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira e BRITTOS, Valério Cruz. *A Televisão brasileira na Era Digital*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CAMARGO, Sílvio. *Modernidade e Dominação – Theodor Adorno e a Teoria Social Contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp: 2006 a.
- _____. Axel Honneth e o Legado da Teoria Crítica. *Revista Política & Trabalho* n° 24. João Pessoa, 2006 b.

- _____. *Trabalho Imaterial e Produção Cultural – a dialética do capitalismo tardio*. São Paulo: Annablume: 2009.
- _____. Experiência Social e Crítica em André Gorz e Axel Honneth. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 25, 2010 a. pp. 107-120.
- _____. Trabalho Imaterial, cultura e dominação. *Liinc em Revista*, vol. 6, n. 1, 2010 b. pp. 6-21.
- _____. Itinerários da teoria crítica na sociologia brasileira. In: SILVA, J. P. (org.). *Sociologia crítica no Brasil*. São Paulo: Annablume. 2012. pp. 155-86.
- _____. Teoria Crítica e Dominação na obra de Moishe Postone. *Mediações*; Vol. 18, n. 2, 2013. pp. 118-132.
- _____. Os primeiros anos da “Escola de Frankfurt” no Brasil. *Lua Nova*, 91, 2014. pp. 105-133.
- _____. Nota sobre Theodor Adorno na Sociologia Brasileira. In: ZUIN, Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabubo; FRANCO, Renato (Orgs.). *Teoria Crítica no Brasil e na América Latina*. São Paulo: Nankin: 2016. pp. 175-188.
- _____. A teoria crítica na multiplicidade de suas vozes. In: CAMARGO, Sílvio e SILVA, Josué Pereira da. *A teoria crítica na multiplicidade de suas vozes*. São Paulo: Annablume. 2017. pp. 17-31.
- COHN, Gabriel. *Weber, Frankfurt. Teoria e pensamento social I*. Rio de Janeiro: Azougue editorial: 2017.
- DURÃO, Fábio Ackelrud; ZUIN, Antonio; VAZ, Alexandre Fernandes (Orgs.) *A Indústria Cultural Hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: o que é o Aufklärung?* In: Textos Seletos. Petrópolis: Vozes: 1985.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro: DP & A editora: 2001.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de La Acción Comunicativa*. Tomo I - "Racionalidad de la acción y racionalización social". Taurus: Madrid: 1987 a.
- _____. *Teoria de La Acción Comunicativa*. Tomo II - "Crítica de la razón funcionalista". Taurus: Madrid: 1987 b.
- HESMONDHALGH, David. *The Cultural Industries*. London: Sage, 2007.

HONNETH, Axel. *The Critique of Power. Reflective Stages in a critical social Theory*. London: The MIT Press:1991.

_____. *Luta por Reconhecimento. A Gramática Moral dos Conflitos Sociais*. São Paulo: Ed. 34: 2003.

_____. *Reification. A new look at an old idea*. New York: Oxford University Press: 2008.

HORKHEIMER, Max. *Crítica da razão instrumental*. Buenos Aires: Sur: 1969.

_____. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Col. "Os Pensadores": São Paulo: Abril Cultural: 1983. Pp.117-154.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo : Ática: 1997.

LASH, Scott and LURY, Celia. *Global Culture Industry*. Cambridge: Polity Press: 2007.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. Lisboa: Escorpião: 1986.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1978.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural: 1985.

_____. *Grundrisse: Foundations of the Critique of Political Economy*. Middlesex: Penguin Books: 1989

MOULIER-BOUTANG, Yann. *Le Capitalism Cognitif*. Paris : Éditions Amsterdam: 2007.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense: 1988.

SCHWARZ, Roberto. Um seminário sobre Marx. *Novos Estudos Cebrap*, n. 50, março/1998. p. 99-113.

Endereço postal:

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/ UNICAMP)

Rua. Cora Coralina, 100 - Cidade Universitária, Campinas - SP, Brasil

Data de recebimento: 23/05/2018

Data de aceite: 17/09/2018